Voz de Santo Antonio

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Approvada e abençoada por SS. Papa Leão XIII, por
S. Em.ª o Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa e Cardeal Jacobini, por S. Exc.ªs Rev.mas
o Snr. Nuncio de S. S., Patriarcha das Indias, Arcebispo Primaz de
Braga, Arcebispo de Evora, Arcebispo-Bispo
do Algarve, Bispo do Meliapor e Rev.mo Padre Geral dos Franciscanos.

«... O SS. Padre, acolhendo de muito bom grado a supplica que lhe dirigistes ha pouco em nome dos iniciadores em Portugal da «Voz de Santo Antonio», publicação mensal, de todo coração lhes concede a benção implorada, estendendo-a aos redactores, a todos os assignantes e cooperadores, que, de qualquer fórma, favoreçam a diffusão do mencionado periodico em Portugal».

Carta do Em.mo Cardeal Rampolla ao Rev.mo Padre Geral dos Franciscanos, a 8 de março de 1895.

3.º E 4.º ANNO — 1897-1898

(2.ª SÉRIE)

SEMINÁRIO DA LUZ - BIBLIOTECA ORDEM FRANCISCANA
B. O. F.

Redacção e Administração
COLLEGIO DE S. BOAVENTURA
BRAGA

A «Voz de Santo Antonio» emmudeceu? — Foram estas as palavras que lemos em uma cinta que envolvia certo *papel*, que, lá de longe em longe, entra n'esta redacção. E' justo que a resposta se não faça esperar, porque a «Voz» não emmudeceu logo á primeira, mórmente quando se propõe desmascarar a mentira, que sem vergonha quer esconder a vileza da sua origem com os nobres pergaminhos da verdade. E, de facto, ha certa especie de gente que parece tem por unico fim a mentira. De bom mestre aprenderam — de Voltaire, que costumava repetir uma e muitas vezes: — *Menti, menti sempre, que sempre fica alguma coisa*. Assim acontece com o tal pasquim da capital, que trazia na cinta as palavras que nos servem de epigraphe, principalmente no ultimo numero que nos veio ter ás mãos. E vinha elle tão ufano e tão senhor de si, que bem podéra dizer com Gil Vicente:

Vender-vos-hei n'esta feira
Mentiras vinte e tres mil,
Todas de nova maneira
Cada uma tão subtil
Que não vivaes em canceira!!

Tambem nos fez lembrar o arlequim, cujos vestidos eram feitos de muitos remendos de varias côres e feitios, ou o monstro da fabula que, por ter muitas caras, foi mui celebrado entre os antigos.

O tal pasquim dá pelo nome de «Luz», de que em verdade tem bem pouco. Falla da maçonaria como escravo subserviente da malfadada irmandade dos tres pontinhos; de Jesus Christo como um catholico e catholico... ás direitas, ou como qualquer racionalista encartado; da religião como uma beata, mas d'aquellas... de bico amarello; da egreja como um hereje; dos padres como um energumeno; do Ex.mo Snr. Nuncio Apostolico como um grande mal..., quer dizer como uma pessoa que nunca viu, nem sequer pela lombada, o codigo do bom tom; e de tudo, menos da maçonaria, discreteia em tom de padre-mestre com uma ignorancia e propositada má fé pouco communs. Pobre coitado! um bocadinho de compaixão merece, isso merece, porque cada qual falla como póde e sabe.

*

Uma das cousas que procura demonstrar é que a maçonaria nunca foi, por fórma alguma, opposta a um governo legalmente constituido; e tanto isso é verdade, diz ella, que «entre maçons é prohibido fallar em materias de governo», visto que tal modo de proceder seria «contra as mesmas leis da franc-maçonaria». E, depois, querendo roborar suas asserções, falsas e mentirosas, com os factos, que provam exactamente o contrario, atreve-se ainda a dizer, posto que com certo receio, que tudo isto «é comprovado com uma experiencia de seculos», e «que nunca «se achou que em loja de franc-maçons se tra«tasse contra o governo». Ora os senhores da «Luz» a quererem agora deitar pó nos olhos da gente profana, tem graça, tem.

Sempre gostavamos que nos dissesse quem foi que deitou por terra a monarchia franceza, levando ao cadafalso o seu virtuoso soberano, Luiz XVI? Não saberão dizer-nos os senhores da «Luz» quem foi que sublevou os subditos de todos os governos italianos, legitima e legalmente constituidos, antes de 1870? Não terão a bondade de nos dizer quem foi que do throno, que por direito lhe pertencia, apeou D. Pedro, ultimo imperador do Brazil? Isto porém já nol-o disse em seus primeiros numeros o jornal maçonico. Não fará favor de nos dizer quem foi, que concebeu, planeou e está dirigindo a revolução contra o governo respectivo, tanto em Cuba como nas Filippinas? E porque é que o Grão-Mestre da maçonaria hespanhola foi preso ou recebeu ordem de prisão? Que queriam dizer os documentos, altamente compromettedores, que possuia no domicilio d'elle? Porque foram já fuzilados alguns dos mais graduados franc-maçons das Filippinas? Naturalmente foi porque os franc-maçons são intimos amigos do governo hespanhol e os mais seguros sustentaculos da Regencia e da Hespanha. Então os redactores da «Luz» imaginam que os seus leitores são tão parvos que lhes vão, assim do pé para a mão, comer gato por lebre, ou que a «Voz de S. Antonio» vae logo emmudecer com affirmações gratuitas e invectivas insulsas? Estão redondamente enganados. O tempo do *magister dixit* é velharia, colleccionada nos museus de antiguidades entre os objectos das edades que passaram, ou peregrino privilegio de pouquissimos, e a esses pouquissimos nunca a «Luz» pertenceu, nem pertence, nem ha de pertencer. Se a «Luz» quer ser acreditada, ha de provar o que diz com documentos de cuja authenticidade não haja a menor suspeita.

*

Veem depois os senhores da «Luz», com uma lenga-lenga muito comprida e ensossa, a querer convencer os profanos de que na maçonaria não ha segredos e que lá tudo é santidade. Pois já se vê; aquillo são tudo uns santinhos, benza-os Deus. O peior é que «mais depressa se apanha um mentiroso

Voz de Santo Antonio

3.º E 4.º ANNO

(2.ª Série)

SANTO ANTONIO DE LISBOA NA EGREJA DE ARACŒLI

(PINTURA DE PINTURRICHIO)

3.º ANNO — N.º 1 | 2.ª SERIE | 1897 — JANEIRO

VOZ DE S. ANTONIO

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

SUMMARIO

Mais um anno.
I Parte — Secçao Doutrinal. — Exposição da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia — A Estação ao SS. Sacramento.
II Parte — Secção Historica. — Vida de S. Lucio — Pensamentos — Anecdotas.
III Parte — Leituras Amenas. — A caridade.
IV Parte — Culto de Santo Antonio. — Santo Antonio e a imprensa — *Portugal:* Associados da Pia União, Petições, Graças; Porto d'Ave: Rendimento do Pão dos Pobres. — *Estrangeiro:* Carlos II Rei de Inglaterra e Santo Antonio — A questão do Doutorado de Santo Antonio — Recommendações — Os nossos defunctos — Echo das Missões.
V Parte — Secção Scientifico-litteraria. — A Politica debaixo do ponto de vista social: As formas de governo na historia *(Continuação)* — João de Deus.
VI Parte — Chronica Universal. — *Varia* — Illustrações: S. Lucio recebendo a regra da V. Ordem Terceira — Vista da cidade de Trento — Padre Salvador, franciscano, martyrisado pelos turcos em 1895.

BIBLIOTECA ORDEM DA CRUZ SEMINARIO B. O. F. BRAGA

MAIS UM ANNO

E' O QUE representa este numero 25.º da «Voz de S. Antonio», que mais uma vez temos o prazer de enviar aos seus assignantes, e de offerecer a todos os amigos das glorias do incomparavel Thaumaturgo portuguez.

Porém, *mais um anno* quer dizer muito. Reconsiderando o passado, estas palavras representam uma grande somma de exforços concentrados; com respeito ao futuro, *mais um anno* significa nova copia de forças, energia redobrada, multiplicado trabalho e maior zelo a desenvolver.

Mercê de Deus, a consciencia não nos accusa emquanto ao passado; os leitores e assignantes que o julguem, se poderem avaliar a vida do jornalista, atravez do seu labutar quotidiano. Para o futuro esperamos em Deus não desmerecer da estima que nos tem sido dispensada.

Fieis ao nosso programma, continuaremos com duplicado zelo a publicação das glorias de S. Antonio, pois que somos a sua «Voz» ainda que humilde e desharmonica. E' a este nunca assaz louvado e admirado Santo, que a nossa Revista deve a sua existencia, é elle que a protege, será elle quem fallará ao coração dos seus leitores, como auxilia e inspira, confiadamente o dizemos, os seus redactores.

E' por isso que seria de summa utilidade que esta «Voz», muito embora fraca e amortecida, atravessasse todas as camadas sociaes, para ás vivificar, como a luz brilhante e quente do sol creador penetra até nós, depois de haver percorrido e illuminado todos os estrados da atmosphera. Para tal fim, desenvolveremos com maior extensão e importancia o grande culto do Astro immortal das Hespanhas, debaixo de todos os pontos de vista sob que pode ser estudado.

Infelizmente, uma causa imprevista obrigou-nos a suspender a continuação da vida

do Glorioso Thaumaturgo, mas de novo a proseguiremos em breve.

Depois do culto de S. Antonio, nosso alvo principal, temos diligenciado restabelecer a estima da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, unico instrumento *pratico* para levantar a sociedade ao nivel christão, segundo a expressão nitida de Leão XIII, gloria inclyta da mesma Ordem.

Devemos confessar com amargura, que a este respeito não temos visto grande resultado da nossa tentativa recommendada por Leão XIII. Algo temos obtido, é verdade, mas não quanto era para esperar.

São raras as Ordens Terceiras onde a «Voz» é lida pelos irmãos. De duas uma: ou não a conhecem, ou então despresam as proprias obrigações, em cuja ignorancia vivem; porque não havendo em Portugal nenhum outro orgão da Ordem Terceira, a que fonte irão beber a doutrina que devem seguir? E' por esta razão que muitas Ordens Terceiras, infelizmente, não gosam de privilegio algum, por que se não amoldaram ao novo espirito que as deve reger, segundo a reforma do actual Pontifice, felizmente reinante. Estas Ordens Terceiras, que ainda se conservam no antigo estado, sem reforma, sem vida nova, serão confrarias de caridade, de beneficencia, de religião mesmo, se quizerem, mas não Congregações da Terceira Ordem. E todavia esta Ordem nas nações onde se tem rejuvenescido, depois do golpe que lhe foi vibrado pela supressão das Ordens monasticas, vae reconquistando a sua missão providencial, para a qual foi divinamente inspirada ao seu santo fundador.

Proseguiremos, pois, na ardua mas gloriosa tarefa de levantar o espirito d'esta Ordem incomparavel, de fazer comprehender as suas vantagens e excellencias, a facilidade da sua pratica, e os fructos que por toda a parte ella vae produzindo.

Assim nos ouçam os Rev.^{os} Commissarios a quem compete em primeiro logar, em razão do seu officio, o encargo de expôr a Regra, de a commentar e promover a sua observancia, para o que não teem melhor meio ao seu alcance do que inculcar aos Terceiros a leitura da «Voz».

Em outra occasião já indicámos o expediente de que poderiam lançar mão, sobretudo nas freguezias ruraes, onde cada irmão Terceiro não podesse receber esta Revista por sua conta. Ahi estabelecer-se-hiam grupos de 5, 6, ou mais irmãos que tomassem uma assignatura. Durante o mez a «Voz» teria sido lida por todos, passando de mão em mão.

Confiamos que se se não fez assim até agora, se faça ao menos para o deante.

Não se diga que não é possivel: o que se quer é boa vontade de trabalhar pelo bem; quando esta falhar, então sim, que nada é possivel, mas quando ella existe operam-se prodigios.

Em França sabemos nós que não ha irmão que não leia os boletins da sua Ordem, usando do meio que acabamos de indicar. E' porque lá trabalha-se, e cá . . .

Mais um anno quer dizer, portanto, um grande empenho a tomar n'este sentido. Queixamo-nos de que a sociedade vae mal, que os christãos esquecem as suas obrigações mais triviaes: pois bem, restaurem-se por toda a parte as Ordens Terceiras segundo o seu verdadeiro espirito e veremos operar-se a mais salutar das transformações nos costumes, na familia, e por consequencia na sociedade.

Ha pouco, em França, depois de uns exercicios espirituaes dados ao povo n'uma cidade, o prégador propoz como meio de perseverar a pratica da Regra da Ordem Terceira, e o resultado tem sido felicissimo. Algo diremos sobre este ponto em outro logar porque o caso deu-se com circumstancias realmente extraordinarias e quasi providenciaes.

Mais um anno e esperamos vêr entre nós os mesmos resultados.

SECÇÃO DOUTRINAL

Exposição da Regra da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia

(Continuação)

CAPITULO III

§ 2.º O Visitador examine diligentemente se se observa a Regra. Para este fim, uma vez no anno, ou mais frequentemente se fôr necessario, visite officialmente as Congregações da Ordem e convoque em sessão geral os Ministros e os Irmãos. Se o Visitador, admoestando ou mandando alguma cousa, chamar alguem ao cumprimento do proprio dever, ou se impuzer alguma penitencia salutar, todos a acceitem docilmente e não recusem cumpril-a.

QUE fôr nomeado Visitador pelos Superiores competentes, advirta em tempo conveniente o Director da Confraternidade ou Congregação que tenciona visitar, do dia em que determina fazer a visita, a fim de que este possa congregar todos os irmãos na Egreja ou capella propria, para se realisarem as cerimonias do costume. Esta visita, como é manifesto, deve ser feita a toda a Congregação reunida, e não a cada irmão em particular, excepto aos enfermos aos quaes o Visitador deverá vêr, com as devidas precauções se não houver razão conveniente para omittir esta visita.

Reunidos todos os irmãos, o Visitador recita as orações determinadas pelo Cerimonial, instrue os Terceiros da importancia da visita, persuade-os a denunciar prudentemente as faltas publicas commettidas contra a Regra, advertindo-os ao mesmo tempo de que havendo algum irmão que a não possa observar, e que por isso careça de dispensa, se apresente francamente, com toda a humildade para a receber.

Em seguida passa a visitar a Capella e a Sacristia, se forem pertencentes á Ordem. Examine os registos, as entradas dos noviços e as profissões, as receitas e as despezas, o livro dos processos verbaes, etc., etc.; n'uma palavra tudo o que diz respeito á Ordem.

Por ultimo, havendo algum irmão que deseje fallar em particular ao Visitador, escute-o com caridade nas suas justas reclamações ou auxilie-o com seus conselhos prudentes.

Pelo que respeita á correcção de que póde carecer algum irmão, esta deve ser feita sempre em particular, sempre que se trate de defeitos occultos, com doçura e caridade, impondo-lhe uma leve penitencia, como seria rezar um Padre Nosso, etc.

Se o defeito é publico, tambem a correcção deve ser feita em publico, mas sem nomear o culpado, e a penitencia seja, n'este caso, imposta sem designação de pessoa; dizendo, por exemplo: quem tiver commettido tal falta, fará tal penitencia, etc.

Seria esta a occasião propicia para expulsar da Ordem os Terceiros incorrigiveis, que depois de haverem sido admoestados de faltas graves, se não tivessem emendado. A designação d'estes taes deve ser feita pelo Director ao Visitador.

§ 3.º Os Visitadores são escolhidos entre os Religiosos da Primeira Ordem e da Terceira Regular, pelos superiores dos conventos em cuja jurisdição se acham. Os leigos não podem exercer o cargo de Visitador.

Este cargo compete exclusivamente aos religiosos franciscanos da primeira Ordem, e aos Terceiros regulares, mui diversos dos nossos Terceiros seculares. Aquelles são verdadeiros religiosos, ligados pelos votos, e vivem em conventos; estes, pelo contrario, não teem votos como aquelles, e vivem no mundo.

Pelo que, nem os sacerdotes podem ser visitadores, excepto aquelles que tivessem recebido a patente para este officio, antes da reforma de Leão XIII. A razão que moveu o Soberano Pontifice a modificar a Regra n'este ponto, parece ser esta: é que um sacerdote secular, ou mesmo regular de uma outra ordem, por muito douto e pio que elle seja, nunca poderá achar-se tão compenetrado do espirito de S. Francisco, como é de crer o estejam aquelles que são seus filhos. Ora, a visita é ordenada a zelar a observancia mais pura da Regra, a reformar e renovar o espirito seraphico nos Terceiros; eis pois a razão porque o Papa deputou para este officio os religiosos franciscanos. Porém, nem todos estes religiosos têm egual direito a este cargo. Em primeiro logar, o Ministro Geral da Ordem é o primei-

ro visitador nato de todas as Congregações de Terceiros; o Provincial gosa da mesma faculdade na sua Provincia, e o Guardião na sua guardiania. Os demais religiosos sacerdotes podem ser Visitadores por delegação de qualquer dos precedentes superiores.

§ 4.º Os Terceiros insubordinados e de mau exemplo sejam admoestados do seu mau procedimento pela segunda e terceira vez; não obedecendo, sejam expulsos.

Para que um Terceiro seja expulso da Congregação ou Confraternidade a que pertence e da Ordem, requer-se, segundo este ponto da Regra, que seja *insubordinado,* de *mau exemplo* e que, admoestado *pela terceira vez,* se não corrija. E' claro que ninguem deve ser expulso por defeitos de pouca monta, mas tão sómente por culpas graves, como por exemplo, escandalos publicos, bailes ou theatros obscenos, leitura de livros ou jornaes impios, embriaguez, trabalho servil nos dias festivos, etc., tudo, emfim, que é deshonra para uma sociedade religiosa, qual é a Ordem Terceira. Convem ainda advertir que estes defeitos graves, para serem causa de expulsão da Ordem, devem ser commettidos em publico, d'onde resulte escandalo para os demais irmãos e diffamação da Ordem; porque não é licito inculpar ninguem publicamente pelos seus defeitos secretos, a não ser que a emenda se não podesse obter de nenhuma outra fórma.

A terceira admoestação é sempre necessaria, segundo a ordem da caridade estabelecida por Jesus Christo: *Si autem peccaverit in te frater tuus, vade et corripe eum inter te et ipsum solum. Si te audierit, lucratus eris fratrem tuum; si autem te non audierit adhibe tecum unum aut duos testes . . . quod si non audierit eos dic Ecclesiæ* (S. MATH. 18, 15). Isto é, a caridade e o zelo bem ordenados, não passam de repente aos extremos, mas primeiro esgotam os meios dictados pela prudencia. A admoestação deve ser feita em primeiro logar ao culpado em particular, depois na presença de alguns irmãos prudentes, e por ultimo, em publico. Só depois d'estes meios se deve proceder á expulsão da ordem, sem esperança de voltar a ella.

Attendam os Directores, portanto, a evitar os dois extremos: demasiado rigor, demasiada condescendencia, considerando a advertencia que o Seraphico Patriarcha fez aos superiores da primeira Ordem, emquanto ao modo de corrigir os subditos delinquentes: *humiliter et chariative corrigant eos* (CAP. 10); e em outro logar (CAP. 7): *cavere debent ne irascantur et conturbentur . . . quia ira et conturbatio in se et in aliis impediunt charitatem.* Usem de suavidade, corrijam com bom modo, de sorte que o delinquente perceba que nenhum motivo impelle o superior senão o bem do proximo: a caridade e a mansidão operam prodigios.

Mas convem não esquecer egualmente que os superiores teem stricta obrigação de velar pelo bem espiritual da Ordem, e que Deus lhes pedirá contas assim do mal que não impediram, como do bem que omittiram com a sua negligencia e respeito humano.

(Continúa).

SANTA PROTECTORA PARA O MEZ DE FEVEREIRO

Santa Margarida de Cortona.

ABSOLVIÇÃO GERAL

Dia 2 — Purificação de Nossa Senhora.

INDULGENCIAS

Plenarias: 5 — S. S. Pedro Baptista e vinte e dois companheiros martyres, da O. I e III.

22 — Santa Margarida de Cortona, penitente da O. III.

Parciaes: 14 e 21 — Dominga da Septuagesima e Sexagesima, 30 annos e 30 quarentenas de perdão.

22 — Santa Margarida de Cortona, 7 annos e 7 quarentenas.

28 — Dominga da Quinquagesima, 30 annos e 30 quarentenas.

VIRTUDE A IMITAR

Pedir a Deus com frequencia perdão de nossos peccados.

MAXIMA DE S. FRANCISCO D'ASSIS

Tende coragem, meus filhos, amae-vos com armas da fé.

A ESTAÇÃO AO SS. SACRAMENTO

Data particularmente de Leão X que por um privilegio especial concedeu a todas as familias franciscanas poder lucrar por cada vez que a rezassem, em qualquer logar ou tempo, todas quantas indulgencias se lucram assistindo pessoalmente nas Egrejas de Roma, Jerusalem, Compostella e Porciuncula (1).

Aos cinco Padre-Nosso, Ave-Maria e Gloria de que d'antes se compunha, ajuntaram os Soberanos Pontifices mais um pelas necessidades da Santa Egreja.

Diz-se do *Santissimo Sacramento,* porque sempre foi uso rezar-se ante o Augustissimo Sacramento do altar. Todavia para facilitar maiores lucros espirituaes, concederam os Summos Pontifices a todos os religiosos e religiosas da 1.ª, 2.ª e 3.ª Ordem de S. Francisco, e o confirmou a Sagrada Congregação, podessem lucrar as mesmas graças fóra da Egreja (2).

Os filhos da Veneranda Ordem Terceira de S. Francisco partilharam sempre do privilegio concedido aos Menores, até que Sua Santidade o Papa Leão XIII o restringiu a uma só vez por mez. Mas o mesmo Pontifice annuindo benignamente ás supplicas dos Terceiros de todo o mundo, lhes concedeu novamente lograr por cinco annos todas as graças de que desfructam os religiosos e religiosas da 1.ª e 2.ª Ordem (3).

Duvidou-se em tempo se era mister rezar sempre a estação com os braços abertos, porquanto nas rubricas do breviario franciscano, confirmadas por Innocencio XII, se lia a determinação de Julio II, que «em todos os conventos fossem os frades á Egreja e rezassem com *os braços abertos* seis Padre-Nosso, outras tantas Ave-Maria e Gloria». Hoje em dia não tem cabimento esta duvida, porque eminentes theologos provaram não ser aquillo necessario, mas tão sómente um uso piedoso; e, demais, nem os documentos pontificios posteriores, nem as ultimas decisões da Sagrada Congregação exigem tal coisa (1)

Affirmaram alguns que Paulo V annulou os privilegios todos inherentes a esta devoção; mas F. Lucio Ferraris, celebrado canonista e assaz conhecido rubricista, provou-lhes com a auctoridade do mesmo Pontifice, que elle nunca teve na mente revogar um privilegio que de ha muito fazia as delicias das ordens monasticas e era a consolação de grandes santos.

Depois escriptores de nota e theologos de nomeada o trazem em suas obras, e a mesma Sagrada Congregação se pronunciou definitivamente a favor dos franciscanos, quer dizer: a favor dos privilegios inherentes á estação do Santissimo Sacramento.

Pelo que toca ao numero das indulgencias plenarias e parciaes que se lucram com a pratica d'esta devoção, já em 1891 dizia uma insigne revista romano-seraphica (2) sêr tão remontado, que a ella se poderia applicar a prohibição que a Sagrada Congregação fez ácerca da *Via-Sacra:* «que não se publique por qualquer fórma o numero das indulgencias que lhe vem annexas» — por não ser possivel averigual-o!

As indulgencias das Egrejas de Roma, assegura a *Raccolta* serem simplesmente *muitissimas*. E outra lettra de S. Affonso Maria de Ligorio (3) diz que as indulgencias concedidas aos Santos Lugares de Jerusalem, Roma, Porciuncula e Compostella são, as plenarias em numero de 533, e as parciaes não têm conta.

Cumpre notar que estas indulgencias podem applicar-se ás almas do Purgatorio, e para as lucrar não é forçoso receber cada vez os Sacramentos da confissão e communhão, mas tão sómente estar em graça.

(1) *Bibliotheca Ferraris,* na palavra *Indulgentia,* p. Viva (Jesuita) no *Append. Indulgent.* § 3, e outros.
(2) *Acta Ord. Minorum,* anno X pag. 179.
(3) *Voz de S. Antonio,* agosto de 1896, pag. 407.

(1) *Acta Ord. Minorum,* anno X pag. 179.
(2) *Acta Ord. Minorum,* anno X fascic. X, pag. 164.
(3) *Glorias de Maria,* por S. Affonso.

SECÇÃO HISTORICA

VIDA DE S. LUCIO

PRIMEIRO FILHO DA VENERAVEL ORDEM TERCEIRA DA PENITENCIA

CAPITULO X

Da sua humildade, pobreza e paciencia

QUANTO mais attentamente vamos considerando a vida de S. Lucio e de sua santa consorte, tanto mais cresce em nós a estima, a veneração e o amor para com elles. Quanto mais conhecemos os grandes meritos e as virtudes que lhes grangearam o primeiro logar entre os beneméritos de sua patria e honroso posto na côrte celeste, tanto mais vivo sentimos em nós o desejo de que dia a dia se augmente o seu culto e o seu amor entre os homens. Era desejo nosso que, n'estes tempos, tão desfavoraveis á fé e á piedade, em que se procura sabiamente fazer reviver e diffundir o espirito de S. Francisco, todos os Terceiros conhecessem, amassem e recopiassem em si os bellos exemplos de santidade, e prestassem solemne culto aos seus primeiros irmãos, que foram o modelo e o espelho dos outros.

Por isso não será descabida, antes importará proveito espiritual a muitas almas, a descripção mais circumstanciada das principaes virtudes de S. Lucio, d'aquellas sobretudo cujo brilho os historiadores mais repuliram, e o ceu confirmou com a auctoridade dos milagres.

Por pouco que se diga das virtudes d'um santo experimenta-se uma commoção suave de ternura e amor, que nos leva a amal-o e até a imital-o. E' o que esperamos succederá aos fervorosos irmãos Terceiros, percorrendo a vida, aspirando os suaves perfumes das virtudes do seu primeiro e santo Irmão, S. Lucio.

Longo seria referir o que os historiadores todos deixaram escripto da vida de S. Lucio. Baste-nos recordar alguns.

No *Martyrologio* de Marcos de Munster, lê-se:

O beato Lucio, varão de grande virtude, vestiu o habito da Ordem Terceira, na qual tantos foram os testemunhos da sua santidade com que a enobreceu, quantos os prodigios com que o ceu, na sua vida e depois da sua morte, confirmou a sua eximia virtude.

Fr. Marcos de Lisboa, na *Chronica dos Frades Menores,* escreve: Lucio, recebido que foi na ordem dos Penitentes, começou com tanto fervor a servir a Deus, e de tal modo vivia que parecia ter mudado a natureza humana em angelica.

O auctor do *Epitome* retrata assim o bemaventurado Lucio: éra este varão de Deus desprezivel no habito, na abstinencia incomparavel, na oração alto e frequente, na assistencia aos divinos officios e prégações assiduo e attento, na caridade para com os enfermos sollicito e inexcedivel e a todos carissimo, porque para com todos éra sobremaneira affavel.

No mesmo sentido fallam Cherancé e Chavin na *Vida de S. Francisco,* P. Laminos *Monumentos Ecclesiasticos,* Tizio nas *Historias de Senna,* etc. etc.

Não ha duvida que o ter avançado tão velozmente na virtude se deve á força dos exemplos do Seraphico Patriarcha, que actuavam sobre elle com toda a energia.

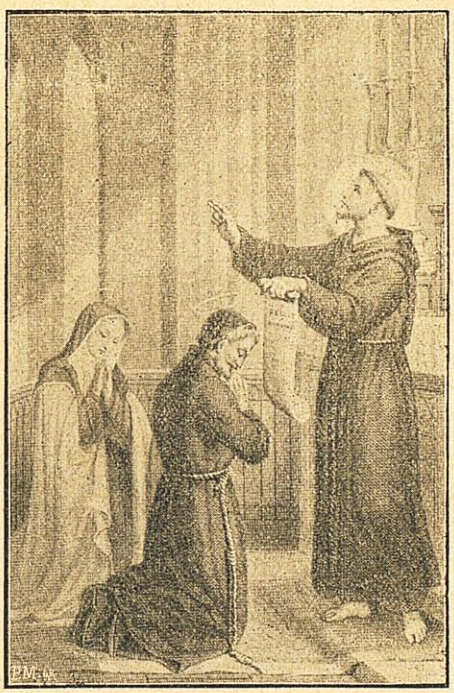
Com effeito, Lucio de tal sorte ficára captivo da sua extrema bondade, que jámais se lhe afastava da mente a imagem do innamorado Seraphim d'Assis. A sua meditação continua eram as santas doutrinas que ouvia ao Mestre, os seus suavissimos conselhos e os exemplos de raras virtudes que commoviam a Italia e a Europa. O unico empenho de Lucio éra seguir os vôos d'aquella aguia abrazada que tão alto se elevava na perfeição; e d'elle nos deixou inequivocas provas nos factos da sua vida; de tal sorte que ás vezes o mesmo é ler a vida de Lucio que escutar os echos da vida de Francisco.

Perguntando-lhe um dia alguem qual seja a virtude que sobre todas as outras deva ser preferida como a mais conforme ao espirito da Ordem Terceira, respondeu que a pobreza; porque, accrescentou, ella é a raiz da perfeição, a mãe da humildade, e portanto o caminho do ceu.

Sêde pobres de tudo e a virtude será

a vossa riqueza. Tanto elle amou a pobreza que um dia encontrando-se pelo caminho com um pobre quasi nú, tirou dos hombros o proprio manto que offereceu ao pobre dizendo: este manto pertence-vos. Christo tinha-m'o emprestado para que eu o restituisse a quem fosse mais pobre do que eu.

Diz a Sagrada Escriptura que o homem que se contenta com quanto basta para viver, gosa d'uma grande renda, mas Lucio tinha levado mais longe a sua abnegação e heroico sacrificio, emquanto que muitas vezes se privou do necessario espondo-se a morrer de fome. E se tanto era n'elle a pobreza material, qual seria a perfeição da pobreza de espirito? Não se esquecera de que se o mundo acclama bemaventurados os que disfructam os bens d'esta terra de exilio e se servem d'elles como de meios para o goso facil de todos os prazeres, Christo, a sabedoria eterna, prega a doutrina contraria; beatos os pobres de espirito que ás cousas fugitivas d'este mundo não ligaram o seu affecto, mas sim as celestiaes e eternas que a divina misericordia lhes dispensará um dia. Tanto era o seu amor á renuncia voluntaria dos bens da terra, que desejára possuil-os todos para renunciar a todos. Frequentemente os seus labios soltavam maximas de grande ponderação como estas: as riquezas são um fardo pesado que aggravam a alma; são dignos de compaixão os ricos que abusam dos dons do Senhor; o homem deve reputar-se rico quando possue a felicidade de habitar Deus no seu coração.



S. Lucio recebendo a Regra da V. Ordem Terceira

Era esta a causa d'aquella liberdade santa em que vivia submerso o seu espirito, aquella liberdade propria e exclusiva dos

filhos de Deus. E com esta liberdade as faculdades da sua alma dispunham-se para a contemplação dos soffrimentos que atormentáram o divino Salvador e sua Mãe Santissima, desafogando-se em lagrimas quando o espirito lhe recordava as humilhações do Presepio e os horrores do Calvario. Parecia-lhe que d'alli partia uma voz arcana que lhe echoava no fundo do coração: faz por copiar em ti estes exemplos de abnegação sublime de humildade profunda; aprende de mim que sou manso e humilde de coração.

Foi n'esta escola que Lucio aprendeu bem cedo que toda a perfeição evangelica e, por assim dizer, a corda de todo o edificio espiritual consiste na humildade; que todas as grandes virtudes se originam e derivam a sua alta importancia do sentir humilde e despreso de si mesmo; pelo que, tanto mais alto julgava subir na escala do bem, quanto mais descia na propria estima e no apreço dos homens. Era-lhe prazer vêr-se alvo dos mais vis vituperios e infames calumnias; o seu coração entristecia-se quando lhe dispensavam honras. Quanto mais abundantes eram os dons que o céo chuvia sobre elle, e mais se augmentava o thesouro dos seus meritos na balança do Senhor, tanto mais elle se tinha em conta de miseravel peccador, de Terceiro negligente. Era, emfim, como a arvore cujos ramos tanto mais se inclinam para a terra, quanto mais carregados de fructos elles se acham.

A sua admiravel virtude, ainda que manifesta em todos os seus actos, assignalou-se no facto seguinte: derramando-se ao longe, como suave perfume, a fama da santidade de S. Lucio, entrou um dia no seu horto um sacerdote, de nome Rainuccio, o qual desejando algumas cebôlas pediu-as a Lucio que as tinha em alfobre para plantar em tempo conveniente. Sem demora, S. Lucio offereceu-lhe uma grande quantidade d'este producto, ficando apenas com algumas. Mas o sacerdote pediu-lhe que lançasse a sua benção sobre o resto que ficára, o que elle fez com grande repugnancia, formando o signal da cruz sobre o alfobre, para comprazer com o sacerdote. No dia seguinte tornou Rainuccio, e qual não foi o seu espanto vendo o alfobre tão cheio de cebôlas como se não lhe houveram arrancado nenhuma. Lucio rogou então com instancia ao sacerdote que não divulgasse o prodigio, mas foi em vão; a fama d'este milagre correu immediatamente e o santo sentiu-se por isso ferido na sua humildade.

Conhecia tambem que a virtude que não passa pelo crysol da tribulação não é firme. A cruz é o signal da graça, o thesouro do christão, a parte da gloria. Aquella coroa que ensanguentou a fronte augusta de Jesus Christo no patibulo, pela redempção do genero humano, symbolisa uma outra coroa destinada a ser o emblema radiante de quantos o seguirem até ao ultimo dia da vida; quem a acceitar conformado é perfeito. Tal foi o grau de heroismo com que Lucio praticou esta virtude que não só acceitava sem reparo as injurias e as afrontas, mas antes parecia não ter outras delicias senão os despresos dos homens.

Tinha-lhe dito S. Francisco que é util ao christão ser provado pela adversidade, porque a paciencia rege e modera todas as demais virtudes, e só por si basta para triumphar de todos os inimigos. E com o fim de se exercitar n'este tirocinio costumava sahir de casa com vestidos velhos e rôtos, ou remendados de varias côres. Quando mais crescia a onda das injurias da plebe insensata, que a houve em todos os tempos, elle regosijando-se e querendo logo pagar a todos o beneficio que lhe faziam, recitava por elles o Padre-Nosso, oração em que todas as injurias se perdoam. Já vimos como esta virtude lhe não viera tão somente nos annos ultimos da sua vida mortal, antes alvorecera n'elle bem cedo. Vimos como esta bella virtude da paciencia com que supportava as arrogancias de sua mulher fôra o instrumento de que Deus se servira para a converter. Já citamos o facto dos quatro malignos mancebos, que se voltaram para Deus, attendendo á paciencia e á humildade com que elle supportára os seus maus tratos.

A estas celestiaes virtudes ajuntem-se ainda os dons sobrenaturaes de que fôra cheio divinamente como o de lêr no interior de cada um e de prever o futuro. E' tradicção popular, narrada por alguns escriptores, o que vamos referir. Acontecia que, indo S. Lucio prover-se dos alimentos ou qualquer outro genero necessario para a sua familia, o negociante lhe dava de menos, o que elle conhecia immediatamente;

e então, sorrindo-se, lhe dizia: amigo, tu enganas-te. Outras vezes éra o contrario que succedia, isto é, davam-lhe de mais; então elle accrescentava: amigo, hoje és tu que me queres enganar.

(Continúa).

Leituras amenas

A CARIDADE

(Conclusão)

A CREANÇA foi caminhando lentamente para os dois transeuntes implorando, com voz doce, piedade e compaixão. Aquella voz musical sim, que tinha o encanto e harmonia dos repiques festivaes do Natal. O clarão da lua, que se tornára mais intenso, dava á cabecinha loira do innocente uma belleza deslumbrante; os anneis dourados de seus cabellos brandamente agitados pela brisa da noite, ondulavam-lhe sobre a fronte de neve; os olhos humedecidos pelas continuas lagrimas, tinham uma expressão de ternura e encanto que fascinava e seduzia.

Não, aquillo não era uma creança vulgar...

A sua vista causou aos dois avaros o mau estar e enfado que sentiam sempre na presença do pobre. Bem quizeram esquivar-se, mas debalde: o pequenino estava já deante d'elles, em pé, e com o rosto elevado para o céo murmurando uma supplica; um pouco mais longe, á borda do caminho, estava tambem uma outra creança chorando ao desamparo.

— Que queres? perguntou sacudido o velho avarento, como quem falla ao salteador que exige a bolsa ou a vida.

— Imploro soccorro para meu irmãosinho, respondeu timidamente o desconhecido.

— Soccorro?! volveu o avarento.

— Sim, que meu irmão está sem forças, quasi nu, e muito doente: já não póde ir mais longe... Ouvi como geme e suspira com voz já tão cançada; em nome do Salvador, tende piedade d'elle!... dae-lhe uma pousada onde passar a noite, que é bella mas muito fria...

Rosa approximou-se da mais nova das duas creanças e deteve-se a contemplal-a com involuntaria compaixão.

O coração da mulher é sempre um deposito, mais ou menos abundante, de maternal carinho; e que soffrimento haverá que tenha o condão de commovel-o tão efficazmente como o da infancia indigente e desvalida?

E como parecia desgraçada a pobre creança! Seu rosto, onde batiam em cheio os meigos raios da lua, tinha a pallidez da morte. Fazia lembrar uma d'essas figuras d'anjos esculpidas no marmore frio dos tumulos. O seu corpinho delicado era sacudido por uns tremores violentos, e abrazado por uma ardente febre, que se alojára sob os sordidos farrapos. Tinha os olhos nadando em lagrimas, e carpia-se com voz cançada, languida e triste, como os suspiros angustiosos da agonia.

O mais velho continuou, volvendo-se para Rosa:

— Leve-o, minha rica senhora, leve-o para sua casa. Sem mãe, sem familia, sem ninguem no mundo, chega ha pouco de muito longe e não pode achar, a horas tão adeantadas, uma casa hospitaleira onde lhe deem abrigo e pousada. Veja: tem os pésinhos tão magoados, e as mãos roxas de frio!... Se aqui ficar, n'esta noite de gelo, quando vier a manhã, certamente será sem vida...

As palavras da creança eram superiores a tal edade; tinham uma nobreza que contrastava singularmente com a simplicidade e tom supplicante com que eram proferidas. Sem dúvida pertencia a alguma familia decahida de fortuna, porque tudo n'elle revelava educação esmerada e polida.

Assim pensava Rosa, irrosoluta, involuntariamente commovida e sem saber que partido tomar. Levar comsigo a creança para casa, era tomar para si, de futuro, um encargo muito pesado; por outra parte o pobresinho parecia muito doente, e doente continuaria talvez durante muitos dias; era mister passar por monstro sem coração ou dar-lhe gasalhado... Mas isto custaria muito caro; teriam talvez de tocar na melgueira, o que elles não queriam de modo algum: antes perder os olhos da cara!

Os pensamentos do velho eram ainda menos generosos; excogitava um meio de desinvencilhar-se das impertinentes creaturas, mas não era facil.

Então precisamente acabava de tocar a segunda vez para a missa, e os sinos dos cam-

panarios suspendiam a harmonia despretenciosa mas sublime de suas notas; a noite aclarava-se mais, em toda a natureza reinava um silencio mysterioso e augusto.

— Avia-te, Rosa, vamos depressa; olha que não chegamos á *missa do gallo,* e arriscamo-nos a dar com isso algum escandalo.

E fallando assim, aquelle somitico sem coração ia arrastando a mulher pela ponta do velho chale-manta *furta-côres,* já bastante usado; mas que era, ainda assim, a peça de luxo da velha Rosa. Entre o povo dizia-se — á boquinha pequena — que lh'o legára já usado uma sua visavó da qual herdára tambem os instinctos e costumes.

— Vamos, Rosa, que se faz tarde... O desalmado velho queria assim occultar, sob apparencia religiosa, os seus temores de avaro incorrigivel.

Mas a creança pareceu adivinhar-lhe a hypocrisia.

— Deus vos perdoará e recompensará o sacrificio da vossa generosidade...

O avarento mordeu os labios, verdadeiramente desorientado por uma linguagem tão séria e resoluta na bocca d'uma creança vadia e maltrapilha. Mas não procurou reflectir: preferiu antes dar ouvidos ás insinuações pérfidas do demo, que se ajustavam melhor com as aspirações vis e sordidas de seu espirito cubiçoso.

— Vamos, Rosa, senão faltamos á missa e commetteremos um grande peccado, continuava elle apparentando escrupulos.

— Oh! não recieis, volveu a creança n'um tom de funda convicção, não recieis nada se seguirdes as impressões nobres de vossos corações. A caridade é tambem um dever; é a grande virtude que Jesus Christo veio ensinar ao mundo. Antes de ir ao templo soccorrei a vosso irmão desditoso, se Deus permittir que vos encontreis com elle em vosso caminho. E obrando assim, cumprireis a vontade divina.

Os dois esposos ficaram pasmados, iam talvez render-se já. O demonio porém fez um derradeiro esforço para obstar a que n'aquelles corações triumphassem os instinctos nobres e elevados.

— Anda, Rosa, vamos depressa, dizia o marido arrastando violentamente a companheira.

Queriam avançar... Mas o innocente deteve-os tolhendo-lhes o passo, e bradando com voz supplicante:

— Ai! Condoei-vos de meu irmãosinho enfermo!... Em nome de Jesus, por amor de Maria, em memoria do presepio...

— Mas nós tambem somos pobresinhos, volveu Rosa, a hesitar; porque bem sabia ella que mentia: o que sómente queria era palliar d'alguma sorte a resolução deshumana e vergonhosa que pretendia tomar... Foi obrigada comtudo a deter-se. A encantadora creança perscrutava com seu doce olhar até ao fundo d'aquella alma sordida, e, abanando a cabecinha loira, mostrava como lia lá dentro os instinctos fellinos d'aquelles corações de marmore.

O velho avarento acudiu tambem da sua parte:

— Olhae: ha ahi muitas quintas habitadas por gente rica; ide bater a essas portas que certamente vos darão abrigo.

— Mas o meu irmãosinho já não póde dar um passo mais e eu não tenho forças para o levar ao collo... Então vinde comnosco para nos ensinardes, que não sabemos o caminho, e para levar meu irmão que desfallece e fazer com que nos recebam por caridade n'uma d'essas quintas que dizeis.

Esta resposta inesperada embaraçou sériamente o velho. Bem sabia elle como havia de ser acolhido pelos habitantes do povo, — elle, o avarento detestado, que ousava estender a mão á caridade alheia para implorar dos outros o que elle bem podia conceder... Todos lhe diriam certamente: «Soccorrei vós mesmos a esses pobres, porque sois ricos, tendes com quê»...

O pobre homem achava-se n'uma posição verdadeiramente difficil e embaraçosa. Porisso, obedecendo a um sentimento de despeito e colera, puxou de novo pela mulher exclamando brutalmente:

— Deixemos esses vadios miseraveis, que são provavelmente filhos de ladrões... Se lhes dermos entrada em casa serão capazes de abrir as portas e...

O mais velho dos dois innocentes protestou com nobre indignação, pendurando-se dos braços de Rosa.

— Então quereis deixal-o morrer assim ao desamparo? exclamou apontando para o irmão que tiritava de frio na beira da estrada e que contrahia convulsivamente a cabecinha loira como para obstar a que reflectisse o clarão meigo e poetico da rainha das noites.

E cahiu de joelhos, com os olhos elevados para o céo, e soluçando uns suspiros que fenderiam rochas...

Rosa parecia commover-se; e, obedecendo a um instincto natural, apertou com a mão ossuda e descarnada as que lhe estendia a sympathica e encantadora creança.

— Então levemo-l'os, disse finalmente fazendo um supremo esforço por arrancar da garganta secca estas breves palavras que representavam o mais heroico e doloroso sacrificio que nunca jámais fizera em toda a sua vida.

O coração do marido, esse permanecia frio e gelado como a brisa de Dezembro.

— Levál-os?! Para onde? perguntou sobresaltado.

— Ora na verdade!... Para onde havemos de levál-os senão para casa? Ámanhã sahirão...

O marido horrorisou-se de tal concessão.

— Estás doida! Com certeza perdeste o juizo! Levar comnosco dois desconhecidos, expulsos de casa de seus paes, talvez cheios de vicios!... Estás de certo maluca!...

— Descança: elles dirão seus nomes e saberemos d'onde vêm, redarguiu Rosa que parecia haver tomado uma firme resolução.

— Sim, minha boa senhora, tudo diremos; haveis de saber tudo, acudiu o mais velho dos dois pequeninos com uma voz doce e terna, e afagando ao mesmo tempo a mão callejada e rugosa da velha, com a sua regelada mas macia como setim.

E accrescentou com um sorriso ingenuo que fez attentar na alvura dos dentes de marfim.

— Estae descançados; nós não somos maus...

A sinceridade com que proferia estas palavras, dissipava qualquer sombra de duvida. Por outra parte, e contra o seu proprio natural, Rosa sentia-se fascinada pela belleza angelical da creança, tão novinha e tão ajuizada nas respostas. Ora, quando Rosa queria devéras, pedia sem appellação; o marido não tinha remedio senão calar-se; apezar das prescripções do codigo civil, concluia sempre acceitando a inversão das obrigações do governo da casa, e deixava-se resvalar, posto que resmungando, no abysmo fatal da obediencia passiva. D'esta vez porfiou ainda n'uma tentativa d'opposição, mas Rosa insistiu, o pequenino lá estava ainda a gemer, seu irmão ia prodigalisando seus magicos sorrisos, e — milagre estupendo! — o velho avarento experimentou uma admiração como nunca sentira, conhecendo que ainda tinha lá no fundo do coração, uma pequenina fibra de piedade.

Envergonhado pela derrota, mas philosopho por necessidade, continuou assim a conversa em boa paz:

— Bem: seja como queres; voltemos a casa, que é imprudencia deixarmos o dinheiro sem guarda...

Rosa tomou nos braços o doentinho, o irmão mais velho acompanhava-a rezando em alta voz, e o avarento ia atraz, amuado, reflectindo na solução que se déra ao problema e, para não ir sempre callado, protestava, lá de quando em quando, por méra formalidade...

E emquanto se dirigiam para a choça deserta, o bronze das torres, sob a immensa abobada do céo estrellado, as vozes dos homens no interior dos templos, e as vozes dos anjos no resplendor dos céos, alliavam-se com os accordes dos orgãos, das harpas e das lyras e cantavam: *Gloria in excelsis Deo.*

IV

Em breve chegaram a casa. Pela janella entreaberta coava-se um tenue clarão, porque Rosa deixára accesa uma candeia para fazer crêr na presença dos donos e afastar assim os ladrões.

A' vista do lar os dois avarentos respiraram mais desafogados, e seus corações recobraram-se algum tanto do sobresalto que os agitava, porque, apezar do espinhoso encargo que para si tomavam de agasalhar as duas creanças, comtudo a presença do seu thesouro tinha o condão de suavisar qualquer agrura ou adversidade.

O marido adiantou-se até á porta, abriu precipitadamente e entrou sem desconfiança. Mas subitamente parou, deu um grito de inexprimivel angustia, e quedou-se immovel e estupefacto.

Que vira elle?

Tetrica visão! Lá na lareira, estava alguem de pé, sobre uma cadeira de palha, com o braço estendido para a mysteriosa cafúa e a mão já introduzida na caixa do ouro; não havia duvida: era um ladrão que roubava o dinheiro.

— Miseravel!... bradou o avarento com os olhos afogueados, a faiscar lume, o rosto primeiro de fogo, depois livido, azul, de todas as côres, e a voz a prender-se-lhe na garganta.

E esquecendo sua fraqueza e idade avançada, arremessou-se ao atrevido como um Her-

cules, decidido a morrer para salvar o seu dinheiro.

Em resposta o malfeitor assentou-lhe nas costas dois violentos murros que o atordoaram e fizeram cambalear, e vociferar contra o insolente.

Rosa deu tambem um grito de sobresalto e exclamou apavorada:

— E' elle! é elle!

Reconhecera com effeito o mendigo que, na vespera de tarde, viera bater-lhe á porta. Ficou pallida, trémula, quasi louca de susto!... Era vêl-a então a proferir ameaças e imprecações biliosas mas impotentes contra o ladrão que, de punho cerrado, tentava abrir caminho á força, afastando os dois velhos alquebrados que tentavam impedil-o!

Mas a mysteriosa creança deteve-o com um gesto, e, fitando-o com olhar ao mesmo tempo severo e doce, lhe impoz silencio, nem que tratasse com um cordeirinho inoffensivo.

— Miseravel! exclamou adiantando-se para elle com rosto grave e sereno.

O malfeitor estacou immovel, cabisbaixo e evidentemente confuso e aterrado.

Vendo aquella attitude humilde, e julgando-se talvez na presença d'algum cobarde, os avarentos aprumaram-se e tomaram um exterior severo e ameaçador. Todo o fel distillado pela cubiça n'aquelles corações de bronze, lhes acudiu então aos labios e os fez exclamar em violentas expectorações de bilis:

— Ah! bargante!... Ah! ladrão!... Ah! pobre fingido!... Traidor! farçante! miseravel!...

E, não obstante a dôr que ainda sentia nas costellas por causa do cumprimento pouco civil do incommodo visitante, o avarento, ainda mal senhor de si, atirou-se a elle e desatou a espancal-o sem dó nem piedade.

— Esperae! exclamou a creança intervindo novamente na questão. Deixae a Deus o cuidado de fazer justiça ou de conceder perdão, consoante lhe aprouvér.

Depois, voltando-se para o malfeitor e para os avarentos, e tomando um tom de auctoridade suprema, exclamou:

— Tu, peccaste cubiçando e lançando mão do que te não pertencia, profanando assim o doce nome de pobre, de que és indigno.

...E vós peccastes por cubiça e por sordida avareza; faltastes a vosso dever, recusando a esmola e não praticando essa virtude tão sublime e tão christã: a caridade!... Confessae vossas culpas, arrependei-vos, fazei penitencia e Deus vos perdoará...

O menino parecia transfigurado; seus olhos brilhavam como duas esmeraldas; a voz era melodiosa como o desferir das notas da harpa, e, apezar dos andrajos que lhe cobriam os membros delicados, e não obstante a lama que lhe manchava os pésinhos, irradiava uns fulgores de magestade sobrehumana.

Depois foi com o maior cuidado tomar o doentinho dos braços de Rosa e deitou-o no leito, prodigalisando-lhe caricias cheias d'encanto que transformavam suas lagrimas em radiantes sorrisos.

Após isto, com a fronte aureolada de incomparaveis resplendores, bello como o divino Infante que n'aquelle momento era adorado no presepio, fallou d'este modo aos dois conjuges extasiados:

— Pedistes-me que vos dissesse o meu nome; quero satisfazer vossos desejos:

eu chamo-me Jesus de Belem;

aqui vos deixo um meu irmão enfermo: quero que o guardeis por meu amor... E apontava para o doentinho, que já dormia tranquillamente em profundo somno.

Todos cahiram em joelhos, de mãos juntas e olhos baixos.

Assim ficaram por muito tempo humilhados, confusos e arrependidos, e orando em silencio... E quando pouco a pouco ousaram levantar o rosto, ficaram deslumbrados com o que viram: o infante de cabellos louros voava acompanhado de muitos anjos que desfraldavam infinitas bandeirinhas onde estavam escriptas em lettras luminosas estas palavras:

Caridade! Caridade!...

Ao mesmo tempo o tecto rasgava-se de par em par afim de dar passagem ao celestial cortejo, as ardosias transformavam-se n'um ceu de azul claro, e a modesta choça era theatro d'uma scena grandiosa e magnifica. De todos os lados eram scintillações fulgurantes, irradiações que deslumbravam e similhavam os raios do sol coando-se atravez de nuvens purpurinas. E mil vozes angelicas, alliadas com os accentos longinquos do orgão, formavam um côro que subia até ás regiões ethe-

reas, cantando, cantando sem descanço com uma doçura inexplicavel: *Gloria in excelsis Deo!...*

V

Oh! como Jesus sabe transformar os corações, ainda os mais rebeldes e esquivos!

A partir d'aquella noite de milagre os dois consortes foram sempre generosos. Cuidaram esmeradamente a educação do pequenino; Rosa em especial velava por elle com especial carinho e ternura, conseguindo em breve restituir-lhe a saude. A creança, verdadeiramente reconhecida, amou-os sempre com todo o affecto de seu coração, como só sabem amar estes anjos. E vendo-o sorrir, e dizer palavras muito gentis e chamar-lhe com meiga e doce voz: «pae», e «mãe», sentiam-se felizes, em extremo felizes e ditosos.

Jamais o contar ancioso e desvelado do seu dinheiro lhes causára prazer tão innocente: julgavam-se já n'um paraizo.

Desde então fizeram sempre com devoção as suas orações da manhã e da noite em sua casa, já restaurada e bem confortavel; davam incessantes graças a Jesus Menino, acariciavam e animavam o seu *bébésinho,* e repartiam avultadas esmolas, tomando por unica divisa — a *Caridade.*

E quando, no anno seguinte, radiantes de jubilo, e livres d'inquietação e temores, assistiram á tradicional *missa do Gallo,* foi tão grande o prazer e alegria que sentiram, que, não esperando que começassem no côro os cantores, foram elles os primeiros a cantar: *Natal! Natal!...*

José de Coppin.

CULTO DE S. ANTONIO

Santo Antonio e a imprensa

A'cerca d'esta materia escreve uma revista franceza:

«Tal é o titulo que notamos no *Echo de Saint Francois*... que publicam em Tolosa os filhos do Seraphim d'Assis. Reparámos n'este artigo, porque vemos n'elle uma prova de que os filhos do que foi apostolo dos desherdados d'este mundo, comprehenderam a necessidade da boa imprensa, e sabem dar-lhe o lugar que merece. E este lugar é um dos primeiros, porque a boa imprensa deve attrahir de novo a Jesus Christo as almas que a imprensa impia lhe rouba todos os dias para leval-as ao inferno, e estas almas são em multidões.

«Felicitamos a *Croix,* dizem os apostolos franciscanos, por se haver collocado tão confiadamente debaixo de tão valioso patrocinio, porque tambem nós somos, como Santo Antonio foi, apostolos, soldados e cavalleiros da Cruz. Amemos a boa imprensa, propaguemol-a, auxiliemol-a com todas nossas forças para que leve a luz da verdade a toda a parte onde o inimigo das almas quer semear o erro.

«Linguagem digna d'um filho de S. Francisco, o verd»deiro cavalleiro da Cruz.

«Amigos leitores, vamos em seu seguimento, imitemos seu exemplo e ponhamos por obra os conselhos que nos dão».

Até aqui a citada revista. Tudo vem perfeitamente de molde para se applicar aos catholicos portuguezes. Entre nós, geralmente fallando, ha muito boas theorias, mas obras, mas pessoas d'acção...

Catholicos portuguezes! não consintamos que a imprensa religiosa definhe entre nós, por falta da nossa cooperação positiva! Não auxiliemos com o nosso obulo a diffusão da imprensa impia e athêa, ou indifferente e incolor!

E aqui vem a pêllo citar uma conclusão approvada na segunda sessão da douta assembleia de «Dortmund composta das eminencias da Europa». Diz assim:

«O congresso catholico allemão recommenda de um modo especial a todos os catholicos do imperio que não sejam assignantes, nem mandem annuncios senão para periodicos *claramente* catholicos».

O congresso chama *sobretudo* a attenção dos catholicos contra os periodicos mundanos e *incolores,* que pretendem não pertencer a nenhum partido. *Estes são os peores de todos.*

E Leão XIII, o augusto Pontifice que preside aos destinos da Egreja, não é menos explicito. Eis suas palavras:

«E' dever dos fieis sustentar efficazmente a boa imprensa, já negando ou retirando todo o favor á má, já directamente concorrendo cada um na medida de suas forças para fazel-a viver e prosperar, no que cremos não se faz bastante».

PORTUGAL

ASSOCIADOS DA PIA UNIÃO

Em o numero d'Outubro contavam-se já . .	74:475
Hoje contam-se mais os seguintes :	
Lisboa	68
Lisboa	5
Thomar	37
Ericeira.	26
Braga	760
Villa Verde	181
Ponte do Lima	185
Gondarem	86
Sabreu	82
Bragança	
Mirandella	29
Coimbra.	86
Coimbra	76
Borralha	10
Porto	
Mancellos	51
Açores (Faial) Horta	360
De varias partes	4:367
Total	80:884

As cartas encontradas ultimamente no altar do nosso Sancto, na Egreja dos Terceiros em Braga, são em numero de 144, a saber : 133 petições e 11 acções de graças. Das petições eram 18 enfermos, 14 negocios temporaes, 18 cautelas, 7 matrimonios, 3 graças espirituaes, 7 empregos e 66 diversas outras.

I

PETIÇÕES

A pedir saude — Meu glorioso Santo Antonio, eu vos peço com todo o fervor e fé, que deis saude á minha mamã e lhe conserveis a vida. E' milagre o que vos peço ; mas que fazeis vós senão milagres ?

Se me attenderdes, dar-vos-hei uma esmola para o pão dos pobres.

— Meu glorioso Santo Antonio, diz J. A. P. que tendo passado encommodado e procurando allivio em alguns remedios, até hoje nada lhe teem feito ; vae agora cheio de confiança, pedir-vos lhe alcanceis de Deus a saude de que tanto precisa. Se isto se realizar n'estes 15 dias prometto-vos 40:000 réis para o pão dos pobres.

— Meu glorioso Santo Antonio, confiada na vossa poderosa intercessão, recorro a vós para me attenderes a um pedido que vou fazer.

Tendes feito muitos e muitos milagres : fazei agora este a quem é vossa devota e que promette dar para o pão dos pobres 2:000 réis se meu filho até ao fim de dezembro recoperar a saude perdida ; e se fôr só no fim de janeiro enviar-vos-hei 1:000 réis.

Prometto-vos tambem se me fizerdes este milagre fazel-o publicar no vosso jornal «A Voz de Santo Antonio».

— Meu querido Santo Antonio, mais uma vez cheio de fé e de confiança no vosso tão elevado quam vasto patrocinio, a vós me dirijo a supplicar-vos a cura do terrivel mal que me atormenta. Ouvi-me e valei-me, glorioso sancto, cujo nome me honro de ter, não em attenção a meritos proprios, mas em attenção á gloria de Deus, á qual quero consagrar todas as minhas forças.

Se porém a saude não me ha de servir para honra e gloria de Deus e vossa, para conversão dos peccadores, para bem dos meus parochianos e meu, obtende-me de Deus a paciencia e resignação de que preciso para soffrer meritoriamente.

Se de qualquer maneira me attenderdes, dar-vos-hei para o pão dos pobres 5:000 réis ; e em 13 terças-feiras, que serão consecutivas, se fôr possivel, em vossa honra rezarei a sancta missa. Soccorrei-me, ó meu sancto, soccorrei-me, soccorrei-me.

Negocios temporaes — Meu glorioso Santo Antonio, hoje dia da Immaculada Conceição, vos peço me alcanceis o maior premio na loteria de 14 do corrente ; obtido o resultado que espero, offereço-vos para o pão dos pobres a quantia de 50:000 réis.

— Milagroso Santo Antonio, se vós me sarares da minha vista dentro do espaço de 2 mezes prometto-vos, alem do que já prometti, mais 4:500 réis para o pão dos pobres.

Vós bem sabeis que eu desejo a minha vista para frequentar os sacramentos e não para gosar do mundo.

Peço-vos tambem consigaes o que meu filho deseja : ou o emprego, ou o casamento. Se se conseguir offereço-vos 1:000 réis para o pão dos pobres.

— Glorioso Santo Antonio, prostada

na vossa presença peço-vos humildemente que venha o vosso auxilio sobre o sr. P. B., que como sabeis foi roubado ; que o roubo venha ter ás mãos.

O sr. P. B. prometteu para o pão dos pobres 1:500 réis, e a N. Madre provincial 1:000 réis. Vós que fazeis tantos milagres, fazei tambem este ás vossas devotas.

Varias petições — Bemaventurado e glorioso P.e Santo Antonio, vós bem sabeis a necessidade e a desgraça da minha pobre familia ; é impossivel podermos viver assim. Salvae-nos pois, vós, glorioso sancto.

Se permittires que até ao Natal eu possa melhorar a infeliz sorte da minha tão desditosa familia, dar-vos-hei para o pão dos pobresinhos uma esmola conforme vós sabeis e tenha intenção.

— Glorioso Santo Antonio, primeiro que tudo peço-vos a graça de Deus e saude ; mas já que esta não tenho, protejei-me em todas as tribulações dando-me ao menos paciencia em todos os trabalhos.

Sois o protector do commercio ; permetti que arranje negocio em que possa tirar algum resultado para que possa viver mais tranquillo ; e logo que eu obtenha este favor e graça eu darei alguma esportula annual para o pão dos que precisam. Vós podeis tudo perante o bom Deus, por isso a vós recorro com viva fé, para que me protejais com vosso patrocinio. Assim seja.

II

GRAÇAS

Agri surgunt sani — Glorioso Santo Antonio, agradeço-vos do intimo da alma e com o mais vivo sentimento de gratidão e juntamente deito na caixa para o pão dos pobres a esmola que vos prometti, por terdes ouvido a supplica de vossa humilde serva, curando instantaneamente a minha tia, que do estado de demencia em que se achava ha mais de 8 annos, passou de um dia para o outro, ao estado de saude, dormindo já aquella noite e continuando a dormir naturalmente como quem tem saude, o que durante aquelle espaço de tempo nunca poude conseguir. — «Resuscitei, diz ella, foi como quem tornou a nascer».

E' mais uma perola para abrilhantar a vossa corôa lá na patria dos justos, onde vos achais, glorioso sancto.

— Agradeço-vos meu milagroso P.e Santo Antonio pelo grande milagre que me fizeste ; porque durante 5 mezes estive entrevado sem sahir da cama nem poder comer por minha mão, e agora já me acho quasi restabelecido ; por isso penhorado vos agradeço.

— Agradece-se a Santo Antonio o beneficio que se lhe pediu das milhoras d'uma enferma em perigo de vida, e se offererecem estes 2:000 réis para o pão dos pobres.

Graças temporaes — Esta libra em ouro é offerecida a Santo Antonio para o pão dos seus pobrinhos, pelo conego prior de Monserrate ; por se obter a graça de se abrir o magestoso templo de S. Domingos de Vianna do Castello que é fabrica do Veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres e que foi sua ultima jazida.

— Meu bondoso santo, agradeço-vos o milagre que fizeste ao meu filho. Vós, milagroso sancto, fizeste com que desapparecesse o obstaculo que se oppunha á entrada de meu filho para o seminario do vosso bemdito nome, e eu prometti-vos a dadiva de 2:500 réis que vos entrego ; agora peço-vos que o tomeis debaixo da vossa bondosa protecção.

Várias graças — Meu P.e Santo Antonio, agradeço-vos penhoradissimo o favor que me fizeste de eu ter muito boas notas, quando fui para ferias do Natal; dar-vos-hei 500 réis que vos prometti ; mando-vos agora 200 réis para o pão de vossos pobres. Peço-vos que continueis a dispensar-me vossas graças, e permetti que continue a dar boas notas em comportamento e applicação. Permitti tambem que meu papá melhore, e eu vos darei uma esmolinha conforme eu poder.

— Meu glorioso Santo Antonio, remetto-vos 500 réis para o pão dos vossos pobresinhos, em cumprimento da promessa que vos fiz para me salvares certa quantia que julgava perdida. Continuae a alcançar do vosso e nosso Jesus protecção para os